

REVISTA ILUSTRADA

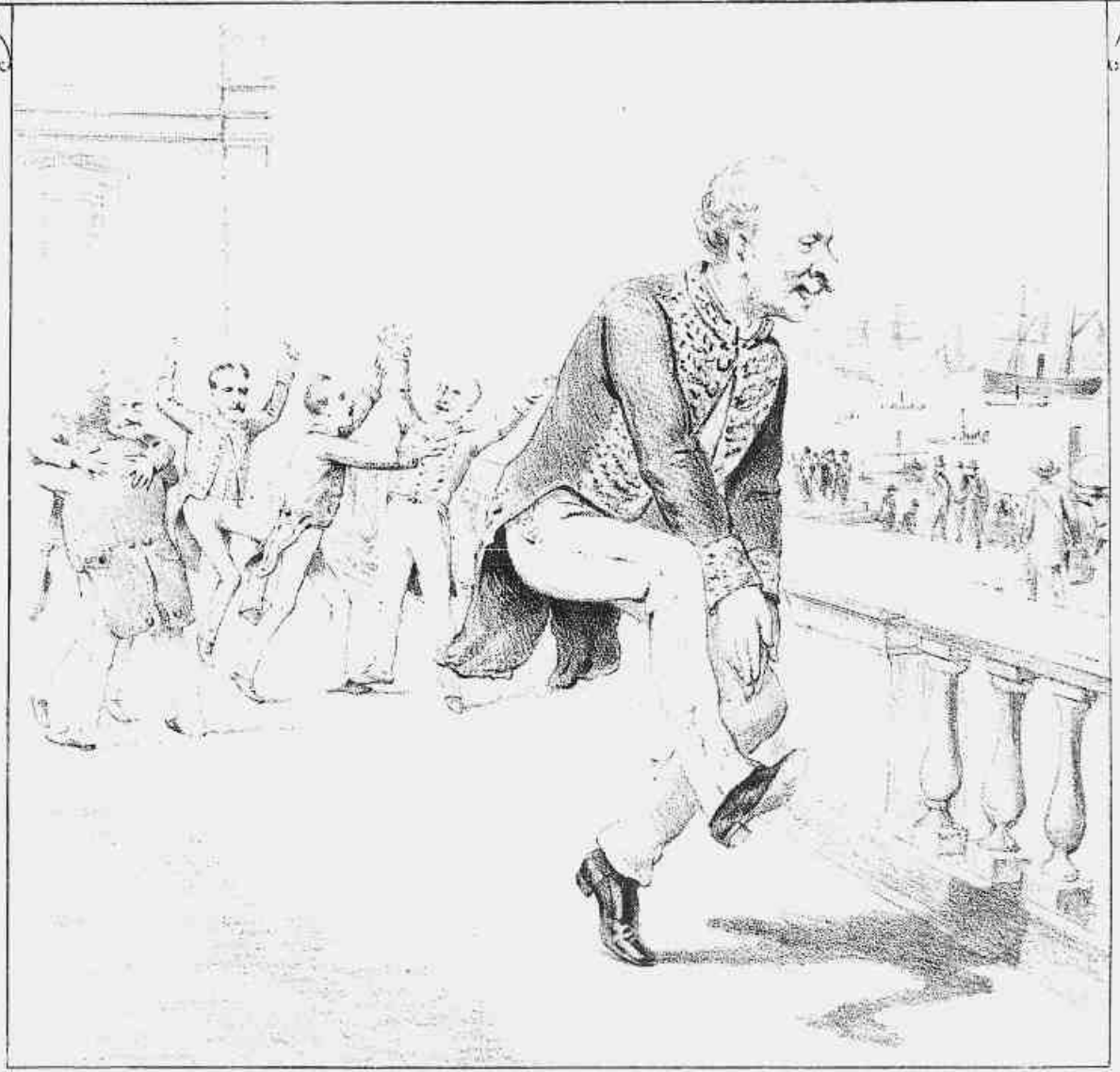
CORTE

ANNO	16 \$000
SEMESTRE	9 \$000
TRIMESTRE	5 \$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.
 A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
 A RUA DE GONÇALVES DIAS, Nº 50, SOBRADO.

PROVINCIAS

ANNO	20 \$000
SEMESTRE	11 \$000
AVULSO	1 \$000



— Chegou, afinal, o grande dia do encerramento das Camaras! Os marrecos não puderam continguo! Eu os espero para o anno....

Revista Illustrada

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1907.

POBRE LISTA!

A lista conservadora para a eleição senatorial de Minas, está que é um barrão!

Os tres nomes que a devem compor, tem sido riscadas, substituidas, emendadas, escriptas de novo, para tornarem a a ser excluidos, por meio de um traço. A chapa tem o aspecto de uma teia de aranha. Com essa eterna operação de escripta, alguns barrões cahiram no papel, de modo que o aspecto impressionista d'essa lista é o de um verdadeiro rol de roupa suja.

Tambem, parece que o caso não era para menos. Aonde só podem estar 3 nomes, ha 8, que se julgam com todo o direito de ali figurarem, fóra uns 4 ou 5, mais modestos, que dizem sacrificaram-se em bem da disciplina, resignando-se, a ficarem... para outra vez.

Sobre os 2 primeiros nomes, os do commendador Soares e barão da Leopoldina, não tem havido grande controversia, e apenas, algumas moftuas inoffensivas tem cahido sobre elles. Ao primeiro, elles dão como abolicionista e ao segundo como incompetente; outras, referem que SS. Exas., já estando aquinhoados, com lugares na camara, devem ceder, em bem dos que prezam de um arranjo. Tolices. n' d'esses dois candidatos, ha o Sr. Carlos Peixoto, Barros Cobra, José Calmon e barão de Santa Helena.

Tudo tem sido tentado para trazer a harmonia do seio do partido conservador mineiro, desde os conciliabulos até aos jantares no *Hotel do Globo*!

Mas, nem os azeitados doces nem as ameaças de indigestão, tem conseguido serenar os animos.

Cada resolução, agradando a 3, põe os outros 3 fóra de si.

Contava-se que no fim de um jantar, quando os brindes mais cordias fossem trocados, um accordo apparecesse, como uma *pièce montée*.

Mas, a lista insiste a representar o

papel de maçã de Páris, dando causa a uma verdadeira guerra de Troia.

Como tal meio fallhasse, tentou-se o da carta, uma especie de missiva amorosa ao Sr. Barão de Cotegipe, para que fizesse o sacrificio de ser o Páris d'essa contenda, o Alexandre d'esse verdadeiro nó gordio. Nas mãos de S. Ex., como nas de Salomão, foi collocado o grande pleito, juntamente com varias phrases suaves, instando por uma decisão, e dizendo-lhe, pouco mais ou menos:

— Vamos, barão, decida o conflicto, seja o nosso tribunal arbitral; o que lhe custa?

O barão, que conhece a lia, que deixam essas arbitragens, recusou a pés juntos.

Todos, afinal, comprehendendo que a união faz a força, tanto na politica, como nos joelhos, como nos pés, abandonaram essa ideia, e recorreram a outra.

— Senhores, disse um d'elles, da discussão nasce a luz.

— A luz! E' verdade! E' do que nós precisamos. Vamos pois recorrer ao Ribeiro da dita.

Este, comprehendendo que a reunião dos pretendentes em sua casa, importava em despesas de confeitaria, vinho e sorvetes etc. quiz fugir com o corpo. Mas, não houve remedio.

Os homens reuniram-se. Os pretendentes eram cinco, mas esperava-se que o membro de um ministerio de economias, facilmente os redozisse a 3, economisando os 2, que sobravam.

Qual não foi, porem, o espanto de todos, quando o Sr. Ribeiro da Luz, em vez de amputar a chapa, propôz-lhe nada menos que um outro candidato, o Sr. barão de Santa Helena!

— Cortemos a duvida ao meio, disse um dos assistentes; por outra, cortemos a lista dupla em duas partes iguaes, trez para cada lado, e cada qual arranjar-se, como poder. A's urnas, cidadãos!

Parece, pois, que haverá duas chapas conservadoras, unica solução possivel.

Numa questão, porem, em que pôde haver derrota ou victoria, é de mau agouro para um partido, apresentar um candidato que se chama... Santa Helena.

Pobres napoleões!

RAUL DO VALLE.

PEQUENOS ECHOS

Na rua do ouvidor:

- Como achaste o discurso do Nabuco?
- Olympico!
- E o Manceio Ribeiro, com os seus apertes?
- Uma mosca varejeira.

Proximo ás barcas Ferry, ha um pobre cego, que, invariavelmente, repete a quem lhe dá uma esmola:

— Muito obrigado, Deus o acrescente!
Quando é um sujeito muito baixo que lhe dá a esmola, o infeliz vai pensando em que era bem bom que Deus ouvisse a supplica do cego e lhe acrescentasse, na altura, uns 3 palmos.

Quando é um tranzeunte muito alto, os que vão passando e ouvem o dito, pensam em que Deus não cahirá n'essa, para não ter a concurrencia de nenhum outro Altissimo.

E, assim, o pobre cego, sem o querer, vai dando lugar a scenas bem divertidas.

São do Binocolo os dois seguintes trechos:

Ha cinco cousas bem tristes,
De tristeza parecida:
Uma noite sem estrelas,
Uma floresta abatida,

Uma barca, sobre as ondas,
Sem leme e sem esperanças;
Um deserto sem palmeiras,
Uma casa sem creanças!

A Lucia — que era ladina —
Perganta Jorge:

— Olha cá:
De imprimir-se, a publicar-se
Que differença haverá?

— Entre os dois, respondem Lucia,
Ha sensivel distincção:
Um beijo pôde imprimir-se
Mas publica-o... isso não!

Um collega provinciano narra, nos seguintes terminos, um caso passado em Cantagallo:

Um juiz leigo pedindo a um advogado que lhe minutasse uma sentença, que deveria proferir sobre uns embargos, recebeu d'este, escripto á pressa e em brava, o seguinte despacho: — *Sem embº dos embº, que não rebº paguem os embº as custas* — O que significava: Sem embargo dos embargos, que não recebo, paguem os embargantes as custas.

O juiz não o entendendo, copiou *ipsis verbis* o despacho e na primeira audiencia, cheio de si, publicou a sentença em voz clara e vibrante — *Sen embº dos embº que rebº paguem os embº as custas*!

Como andam as cousas, lá por Cantagallo!

Lê-se na *Provincia de S. Paulo*, de 27 do passado, em correspondencia enviada de Casa Branca:

«Hoje, ás 3 horas da tarde, aqui chegou S. A. o Principe D. Augusto, em companhia de uma joven, cujo nome e posição

social não são conhecidos, e o facto a muitos causou surpresa, porque não consta, ao menos publicamente, o casamento de S. A.

«A tarde, os nossos visitantes percorreram as principaes ruas da cidade e parte da noite passaram em uma *soirée*.»

A *Provincia* acrescenta :

«Ha, de certo, engano; o Sr. D. Augusto estava em Caldas e ainda solteiro, e como tal recebe do thesouro os seus *alimentos*. Ha de ser algum pau lego, que se impugna por principe.»

Fallou-se muito em que iria occupar a pasta do imperio o Sr. Thomaz Coelho.

— Não é possível! O ministerio já tem os Srs. Belisario e Casarino, que são fluminenses. Com o Sr. Thomaz Coelho, fariam 3.

— Pois ahí é que está a vantagem. Um ministerio junto do couce, devia ser todo de fluminenses.

A' ultima hora fallava-se tambem no Sr. Barros Barreto para a pasta do imperio.

A noticia era bem recebida. O indigitado goza da reputação de homem serio, cordato e discreto. Muito nos casos! A *Gazeta da Tarde*, porom, dá a entender que a S. Ex. faltam certas qualidades, que o inibem de desempenhar bem o cargo.

Eis o que diz a nossa collega :

«Se, para occupar tal posição, só fossem precisas energia e honestidade, ninguém mais digno do que o Sr. Barros Barreto.»

Mas, para aquella posição, se exige alguma cousa mais, que, infelizmente, o Sr. Barros Barreto não tem, e não pôde mais ter, porque já passou da idade.»

Hom'essa! Enfim...

O *Diario de Noticias*, que se publica na capital do Pará e que consta ser propriedade do Sr. senador Siqueira Mendes, diz o seguinte, sobre a chegada d'este senhor:

«O desembarque do senador Siqueira Mendes não se descreve; pois é um d'aquelles festejos, que, mais ou menos, já está conhecido de todos.»

Oh! E, nós que nada sabemos...

E continúa:

«Quatro paquetes galhardamente embandeirados, formaram a esquadrilla para receber o grande paraense.»

Quatro paquetes! E então? E' pena que não diga se estavam carregados de quinho.

— Então, o Theodoro tem recusado a pasta?

— E' verdade!

— Não posso explicar isso.

— Pois é facil. Como estamos em uma quadra toda de realismo, elle não quer sair de seu papel de documento humano.

DOMINÓ.

Pescador Bernardo

A um poeta desconhecido, o acto heroico do pescador Bernardo, inspirou o acrostico abaixo, o qual pela sua belleza, está longe de merecer o juizo severo, que o publico faz, geralmente, — dos acrosticos.

Perdido entre as publicações pagas de uma folha mercantil, com certeza passou de apercebido a todos os que podiam apreciá-lo.

Na verdade a companhia em que estava, com quatro moínas e cinco artigos da policia, tornava-o um pouco antipathico. Diz-me com quem andas...

Felizmente, cahiu sob os nossos olhos e aqui reproduzimos esse grito entusiastico de um coração, recommendado pela sua belleza artistica, e pelas difficuldades de fórma, que foram vencidas.

Eis o trecho :

LE PÊCHEUR BERNARD

«Un digne de louange est Bernard le pêcheur
 En qui sont réunis modestie et valeur :
 Rarement, en effet, dans ces temps d'egoïsme
 Zéus sont offerts des traits d'un pareil héroïsme,
 S'essex souvient des gens qui se manquant de rien,
 Recueillent grande gloire, en faisant peu de bien.
 De ces hommes vanteés par leur philanthropie,
 Ça n'en voit point risquer soixante fois leur vie.»

J. T.

SONETO

Curiosissimo, o trecho litterario, que abaixo reproduzimos, um soneto de uma syllaba, isto é, o poema menor que se pôde imaginar, a epopeia mais litiputiana, que existe na lingua portugueza. Esse soneto, está para as peças litterarias, geralmente conhecidas, como um infusorio para um masthodonte.

O soneto menor, que até hoje conheciamos era um, em francez de 2 syllabas.

Este, põe-lhe a barra adiante. E' o que se pôde dizer o soneto reduzido à expressão mais simples.

Eil-o :

SONETO

Cri

Bem

Em

Ti :

E

Nom

Sei

Quem,

Te

Deu

Mais

Aia,

Que

Eu.

JOÃO DE NOVAES.

OS NOSSOS DESENHOS

Em nossa quarta pagina reproduzimos, em copia do natural, os dois raros specimens zoologicos, que ultimamente tanto tem chamado a curiosidade do publico.

O primeiro, da familia das phocas, do genero *Arctocephalus* (urso ou lobo marinho) esteve exposto, no escriptorio da *Cidade do Rio*, aonde o vimos.

A nós affligou-se nos ver um animal phantastico, metade lobo e metade peixe. A cabeça, até ao meio do corpo, era coberta de um cabello aspero e intenso, sendo que o resto apresentava o aspecto de uma verdadeira pelle de peixe. Os membros superiores e inferiores, tem o que se seja de mãos e de barbatanas. Emfim, um conjunto perfeito de fóra terrestre e maritima.

Em pleno mar, agarrando-se com as barbatanas dianteiras a qualquer rochedo, e collocando-se fóra da agua, em observação, o aspecto d'esse monstro devia ser respeitavel...

Ornam-lhe, demais, as mandibulas, boas linhas de dentes afiados, alguns dos quaes, são de tal calibre, que se sobrepõem ao labio superior.

Um animal, emfim, que a gente vê com curiosidade, á porta de um jornal ou n'um caseu, mas, que nas solidões do nosso littoral deve ser... de se lhe tirar o chapéu.

O outro desenho, que damos, é o de uma tartaruga, da especie mais rara, o *Sphargis coriacea*, quasi desconhecido em nossos mares.

O animal mede dois metros e vinte de comprimento, por um e pouco de largura, e tem uma concha rajada, em forma de lyra.

Foi apanhada em pleno mar, por alguns pescadores diletantes, n'uma rede, que ficou inteiramente dilacerada.

Vendo-se perdido, o *Sphargis* quiz estabelecer lucta com os seus apprehensores, atacando a canoa em que estes iam, e sendo preciso esfaqueal-o.

Referam os pescadores, que a tartaruga, depois de mortalmente ferida, dava gemidos prolongados, muito semelhantes a vozes humanas.

Notando o apparecimento de tanto animal estranho, há muito quem esteja á espera de que, qualquer dia seja apanhada alguma bonita sereia, de cabellos loiros.

Lá para os lados de Santa Catharina já houve, mesmo, um *alamiré* a esta respeito, mas, não passou de boato.

TAM-TAM.

Cousas Extraordinarias!



O estado de saúde de S. M. tornou-se um mysterio! Separam a opinião de todos os formos e nesses Sobresantos acham-se, cada vez, mais debilitado e abatido.



Contestando, segundo as declinações officiaes, S. M. melhora de dia em dia, dando assim o governo a entender que a Imperatriz está grávida e resozinhada.



O Sr. Joaquim Nabuco, que não admitta duas opiniões em materia das quaes, interpellou o Sr. presidente da Camara para que elle se pronunciasse, qual o estado de saúde do Imperador; e sobre esta assumptão, pronunciou um discurso tão commovente, que a Camara tomou um perfeito valle de lagrimas!



Desta vez, o Sr. de Cotegipe não seousse apparecer e estreado-se abraza da repulcra.



Contentou-se em mandar uma carta a Camara, onde declarou ser inconveniente tratar da saúde de S. M. !!! (*) para elle, Cotegipe.



Desta vez, a vacaza não quiz enfrentar com o Leão do Norte. C' que o assumpto não dava para pilheria.



Cousas extraordinarias e phenomenos! Tem copetta ceto ultimamente. Na provincia de S. Paulo um caçador descobriu uma esplendida gruta, da qual contam-se maravilhas!



Alguns pescadores trouxeram a esta Corte uns fischeos estranhos e phantasticos, que foram recolhidos ao Museu Nacional, depois de terem embalsamado quasi os vira. - Este lobo da sua avoz com o Cotegipe? disse um cidadão. - Qual? tornou outro, esta tartaruga, a qual é a verdadeira continna do partido da ordem.



Não seria mau que levassim tambem, ao Sr. Laclion Netto, para recolher ao Museu esta tartaruga da nossa politica.



Um fazendeiro tambem fez uma descoberta que o deixou embalsamado! Um escravo fido, no alto, para os seus passivos darirem, um discurso abolicionista ao Cons. Dantas!



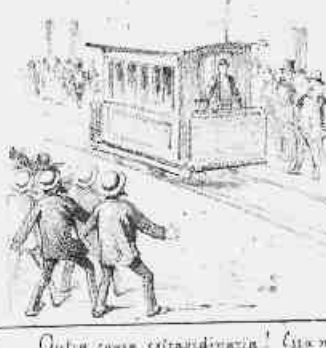
Outra cousa extraordinaria e esta, não a fazer uma novidade luminosa e a luz electrica de Julius. Othequez tidanos pôdeira compozê-la, a tanto a vida, acaudalada para a casa como se fora quiza fuzido.



Ja que se trata de luz, seria bom que o Sr. Cotegipe, intermedios dees melho, namesta da 15.ª, o introduzisse tambem na sobega do governo que muito precisa ser acaudalada.



Quanto a Força... cordado na revolução... se não quiser passar por um realidade abolicionista.



Outra cousa extraordinaria! Esta mesma electricidade applicada como motor, para com que os bondes andem atirados. E acabarse ha de fazer no Rio de Janeiro! (com allusão)



Isso faz lembrar aquelle terrivelmente que, em ca-novos para a casa, tendo-se arrebatada o rabano e covens e o Jellio, para o negocio do animal, perguntar: - Já, meu irmão, a sua casa antiga é muito longa? - Porquê? - A modo que o meu burro está-se acabando!

Philosophia da Algebeira

Ha horas, no dia, em que o corpo cae n'um certo entorpecimento, em que os olhos se cerram um pouco e em que só o pensamento está vigilante, e, divaga, divaga...

Quantus bellus imaginari, não se desentham, então, das evocações de um passado risuivo, quando o sergum dos vinte annos, bate no coração, acordando os sentidos?

O leitor, certamente, está pensando que oannes condiz a contemplação de algum idyllon ou n'esses divagações lyricas, a que se dão, frequentemente, os *Macquaribus no arto*.

Enganar-se. N'essas horas, em que fallamos, quando a imaginação não é certo que muitas vezes, se lhe vem entrelacer d'outras imagens, uma saudade, uma lembrança feliz, como essa que João Braga nos descreveu, nos seguintes versos:

Dozes noites de amor! Quando a velhice
Prostrou no campo da amargura lida,

Um campear andax.

Se na mente surgis do Lovelace

Inda lhe assina no quillo da face

Uma aurora fugaz!

Não ha negar, que, muitas vezes o pensamento foge para ali, mas o mais frequente, é que elle siga, algum d'esses mysterios que deão a origem do mundo esperam por uma solução, e, como um cão de cova, vá farejando esses recantos mysteriosos da alma humana, a ver se descobre e se faz bater as azas, a uma verdade. Então, apparecem, muitas vezes, esses contradicções da logica, esses conflictos do pensamento, do que a insaciavel curiosidade humana, não conseguiu ainda apoderar-se.

— Ora, pensava eu, se na vida só ha de absoluto este principio: que tudo é relativo, evidentemente, esta regra é falsa, pois dizendo que tudo é relativo, ella mesma estabelece um principio sem excepção, que a desmente.

Diz Pierre Veron, que um aphorismo é uma tolice dos nossos avós, enfeitada com o prestigio da tradição. Na verdade, assim parece.

Como conciliar, por exemplo, estes dois precitos: *Trabalha que eu te ajudarei*, e, *Nem por muito madrugar amanhae mais cedo?*

Um, aconselha a vencer tudo pela luta aspera; outro diz-nos, que não nos matemos, que deixemos correr o marfim, porque *taes esforços serão inuteis*.

Outro: *Não ha regra sem excepção*. Eis ali, um precito, que todos tomam como incontraverso, mas, que, afinal, elle mesmo desmente a sua affirmativa, pois que negando que haja regras sem excepções, estabelece logo, uma, absoluta.

Como conciliar isso?

Não sabemos.

Dizem, por exemplo, os dialecticos:

— O que é raro, é caro.

Não ha duvida. E a consequencia de uma lei economicas, demonstrada até á sa-

cidade e conhecida pelo nome de lei da offerta e procura.

Bom! Então o que raro é caro, não ha duvida.

Ora, um cavallo bom e barato é raro. Logo: é caro.

Tomos, pois, uma coisa, que pelos precitos, da mais rigorosa logica, é ao mesmo tempo, cara e barata.

Entendam, se forem capazes!

Como estes casos, ha muitos outros, em que o espirito, ou cede a apparencias, ou comprime entre pontos de um dilemma, fica entre a espada e a parede, sem saber decidir-se.

Volta e meia, lá está elle luctando, consigo mesmo, para chegar a uma conclusão, e sempre a mesma perplexidade se lhe impõe.

Ha, tambem o chamado problema de Descartes, que, em geral, só é resolvido pelos que já conhecer a sua solução.

Ha muita gente que a sabia, mas, o numero dos que a ignoram ainda é avultado. E para esses, que o propomos, esperando as suas soluções, que nos podem ser remettidas, em cartas e ás quaes daremos publicidade.

O problema é o seguinte:

Temos uma haste de 20 palmos de altura, e, n'ella uma aranha, que durante o dia se sobe 3 palmos e durante a noite desce 2. Pergunta-se: quantos dias levará a chegar ao alto?

As pessoas dadas a estes jogos de espirito, que pensam, que reflectam, que ponham o problema em equação, que o resolvam a que nos mandem os resultados, a que chegarem.

No proximo numero publicaremos as respostas recebidas, assim como a solução do problema.

Vamos! que a agudeza dos nossos leitores, resolva todas essas difficuldades, communicando-nos o resultado, para socego dos espiritos pre-curtsadôres.

Thomé Junior.

Pelos Theatros

Bem avisado andou o Dias Braga escolhendo uma peça, a que os acontecimentos dos ultimos tempos, têm dado o caracter de palpitante actualidade!

Ha um bom numero de mezes, que a narração de horribes naufragios, toma grande lugar nos noticiarios dos jornaes e nas columnas dos telegrammas. Houve, mesmo, tempo em que isso parecia uma maldição! O publico, tomado de anciedade, ha e relia essas descrições, até que, pouco a pouco, essa dolorosa impressão, foi cedendo o lugar a outros acontecimentos, mas não sem deixar em todos os corações um fundo sulco, e uma lembrança duradoura.

Emquanto todos nos preocupavamos com os horribes sinistros, de que foram thea-

tro os nossos mares, não poucas vezes, o *Naufragio da fragata Medusa*, veio à discussão.

Dias Braga achou, e, porque este velho drama era de toda a actualidade e tratou de o montar, no *Theatro Dramatico*.

A primeira recita, teve lugar no dia 8, confirmando-se os calculos do empresario, ao ver uma multidão avida apoderar-se até do ultimo bilhete, que havia na casa.

Bem distribuida, bem montada, com scenas de grande effeito, com luxuosa scenação, a peça agradou, geralmente.

Os espectadores receberam as impressões com que contavam, ora tragicas, ora hilariantes.

O desempenho, por parte da companhia, foi optimo, merecendo, porém, menção especial a varios collegas n'esses, os artistas Dias Braga, Ferreira, Maggioli, Livia, Moia, Castro e Mesquita, isto é quasi toda a companhia.

Ao contrario do que aconteceu com os outros, d'este *Naufragio* pôde-se dizer, sem receio de errar, que agradou, geralmente.

Muito bem!

Estreou, a 1.^a do corrente, no theatro Phenix Dramatico, a nova companhia organizada pelo actor Primo da Costa, da qual faz parte o sympathico Eugenio de Magalhães.

A peça escolhida para a estreia foi o drama em verso, de Zorilla, *D. João Tenorio*, traduzido por Fernando Caldeira.

O papel de D. João, foi executado com maestria, por Eugenio de Magalhães, que, mais uma vez, revelou os dotes que possui para a vida dos palcos.

Os scenarios de Coliva, constituiram, tambem, uma das attracções da noite.

Tudo indica, pois, que o D. João Tenorio, continuará a ir — de conquista em conquista!

BINOCULO.

Casa Gustavo

E' sumptuosa o novo estabelecimento de brinquedos de creanças, propriedade do conhecido negociante, Sr. Gustavo, e inaugurado, ha dias na rua dos ourives n.º 45, denominado, com muita propriedade, *O paraizo das creanças*.

Para esses pequeninos serres, esses miniaturas de homens e mulheres, entrar ali, é sentirem todas as tentações de que reza a biblia! O que vale é que as serpentes, que estão pelas vitrines, são inoffensivas, e que as maçãs, são de louça ou de massa colorida, inteiramente impróprias a serem

comidas com avidez, de modo que não ha risco algum de ver surgir o archanjo vingador dos tempos primitivos, expulsando tudo, para o meio da rua, e pondo-se de sentinella á porta, para impedir a freguezia de gozar as delicias paradisiacas, que ali se accumulam, a preço modico...

O novo estabelecimento, está perfeitamente montado, e não sabemos o que possa faltar ali, da sua especialidade.

Ha brinquedos, para todos os gostos, para todos os genios, para todas as bolças!

Da inauguração da nova casa, nos foi enviada, como lembrança, uma lanterna magica, que nós vamos aproveitar, sempre que tivermos de tratar de politica, fazendo projectar no disco luminoso, algumas *marionettes*, afim de sempre nos inspirarmos na realidade.

Desnecessario achamos recommendar o novo estabelecimento, porque elle, por si, chama a attenção de todos, e já estamos a ver uma verdadeira chosma de creanças, borboleteando, em torno de tantas teteias, como entras tantas mariposas em redor de uma luz, correndo, apenas, as bolças paternas, o risco de não sahirem incolumes d'essa sedução, o que, afinal, não é nenhuma surpresa e consta até dos arcanjos familiares.

Ao Gustavo, pois, bellas creanças! Ah! só tereis o trabalho da escolha!

BLICK.

Notas & impressões

Os *Latifundios*, por Hypolito Silva.

Lemos, ha dias, na *Provincia de S. Paula*, um bonito artigo critico de Ezequiel Freire, sobre o interessante livro, cujo titulo nos serve de epigraphe.

O mavioso poeta paulista, o escriptor cujo estylo ressumbra um perfume saudoso e vago, protestava contra a injustiça, com que parte da imprensa tratára os *Latifundios* e dava esse livro como um dos mais originaes e recommendaveis, entre os que, nos ultimos tempos, tem sido publicados.

De pleno accordo, com esse delicado espirito, achamos, tambem, que este livro deveria merecer mais sãria attenção, do que lhe tem dado os nossos jornaes, pois contem trechos magnificos, de larga inspiração e fôrma correcta e colorida.

D'elle se podem destacar alguns trechos, de verdadeiro primor e que tem o grande merito, de salvar a nossa poesia contemporanea da sua connivencia com a escravidão, não lhe desfechando rudes golpes.

Ha epochas, que parecem destinadas aos poetas! Quando a França verga ao jugo

do despotismo, Victor Hugo produz *Les chatiments*. Entre nós, vamos os quadros mais sombrios, d'esses que arrancam aos poetas, as incendiadas apostrophes e os poetas só nos cantam as brizas e as belladas de agua doce.

Ora, as tradições da nossa poesia, são todas, abolicionistas. Estão ahí, Alvares de Azevedo, Varella e Castro Alves, ha tantos annos, dando a nota vibrante da liberdade para os captivos, e todavia, hoje, é raro que os poetas conhecidos, voltem os olhos para esse barathro, d'onde poderia sahir um novo Inferno, de Dante.

Note-se, por exemplo, este verso de Hypolito Silva:

Ha em cada senzalla a sombra da bastilha!
passe-se a vista pelos que seguem e digam-nos se não está ahí um verdadeiro poeta.

Das cinzas do passado, então, surgirá breve Risonha como a luz e pura como a neve,
A casa do colono. E, enquanto lá por fóra Elle trabalha e tucta, em casa, á mesma hora Não ha prantos, não ha castigos nem gemidos;
Ha uma esposa que tom filhos estremeceidos,
E os emballa cantando um hymno de esperanças.
Ha rosas de rosto em faces de creanças
E multissima luz, porque brilham ali
Dois sóes: — Trabalho e amor! — Libertas! — Aboli!

Certamente, os que lerem os *Latifundios* hão de notar, em certos pontos, uma verdadeira condensação de Guerra Junqueiro, versos quasi reproduzidos, imagens identicas. Isso, porem, ainda prova em favor do poeta, cujo primeiro livro nos é dado, hoje, apreciar.

Ao Sr. Hypolito Silva as nossas felicitações. E, que continúa.

—

Discurso do Sr. conselheiro Ruy Barbosa, pronunciado no *Meeting* de 28 de Agosto, convocado pela *Confederação Abolicionista*.

Já é conhecida do publico essa admiravel oração, que a *Gazeta da Tarde* publicou, ha pouco, esgotando a sua edição.

Tão admiravel trecho de eloquência merecia, porem, outras consagrações e tem-n'as tido. Os alumnos da Escola Militar da Corte, cotisando-se, mandaram fazer uma edição especial, que offereceram ao auctor, como preito de subida admiração.

Na Bahia, tambem, foi esse discurso publicado, em folheto.

Assim, a notavel peça oratoria, tem hoje uma publicidade de 10.000 exemplares, o que, sendo já notavel, ainda assim, está áquem do seu merito intrinseco.

Aos alumnos da Escola Militar, que assim honraram um dos talentos mais transcendentos, que a nossa patria tem produzido, d'aqui enviamos as mais cordiaes felicitações.

—

O *Guarany*. Temos sobre a meza os fasciculos 3, 4, 5 e 6 do bello romance de José de Alencar, em edição de luxo e ornada de excellentes gravuras.

Os editores Sra. Silveira & Guimarães prestam, com essa publicação, um relevante serviço ás letras patrias.

E' um verdadeiro monumento, que estão elevando, á memoria do grande romancista.

Desjariamos só, que os desenhos fossem confiados, a pessoa mais experiente, pois denotam certo acanhamento, pouca acção nenhuma largueza de traço.

Sem este senão, a obra seria, devéras, digna do genio do auctor.

—

A casa dos Srs. David Corazzi, continúa a publicar, regularmente, as edições encetadas, das quaes por vezes, nos temos occupado.

Estão em seus ultimos fasciculos as obras de luxo, *Historia de Gil Braz* e *Fabulas de Lafontaine*, dois bellos albums, nos quaes o primor typographico rivalisa com a belleza e a finura das gravuras.

O primeiro d'esses volumes vai no fasciculo n. 85; o segundo no n. 46.

Além d'essas obras, o editor enviou-nos, mais, as seguintes:

As Farpas, fasc. 7, 8, 9, 10 e 11, contendo bellissimos capitulos;

Os Invisiveis de Lisboa, fasc. 43, 43 e 45;

Para quem se tiver descuidado de adquirir tão bons livros, que, em breve não se encontrarão á venda, pois estão quasi esgotadas as edições, recommendamos um passo á rua da Quitanda n. 43, aonde poderão travar conhecimento com um cavalleiro distincto, o Sr. José de Mallo, representante da empresa, no Brazil, que lhes dará todas as informações e lhes facilitará a posse d'essas edições, dignas de figurarem em todas as casas de familia.

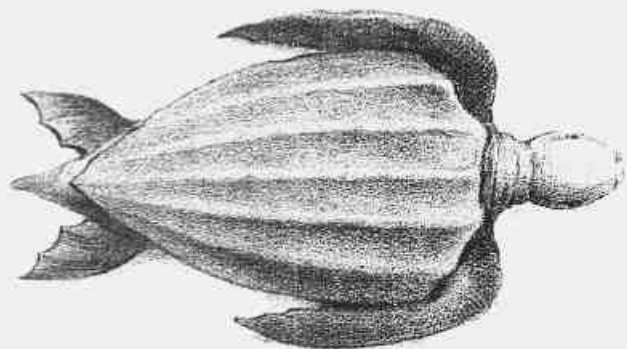
Tomem o nosso conselho, que não se arrependirão.

THOMÉ J?

Aviso

Aos nossos assignantes, que se acham em atrazo, rogamos a fineza de mandarem regularisar as suas contas, pelo que desde já nos confessamos gratos.

Raridades do mar.



Sphargis Coriacea,

vista de costas

Dimensões:

Comprimento 2.^m07

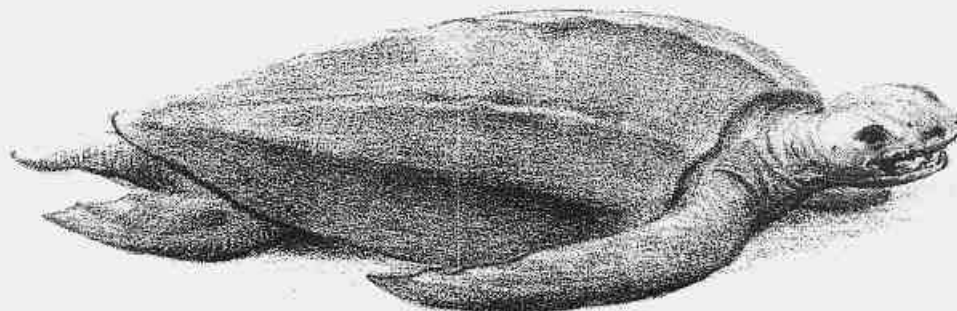
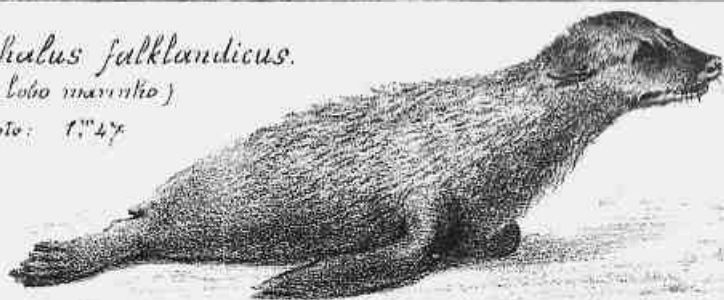
Largura 0.^m88

(Copiadas do natural, no Museu Nacional.)

Arctocephalus falklandicus.

(Urso ou lobo marinho)

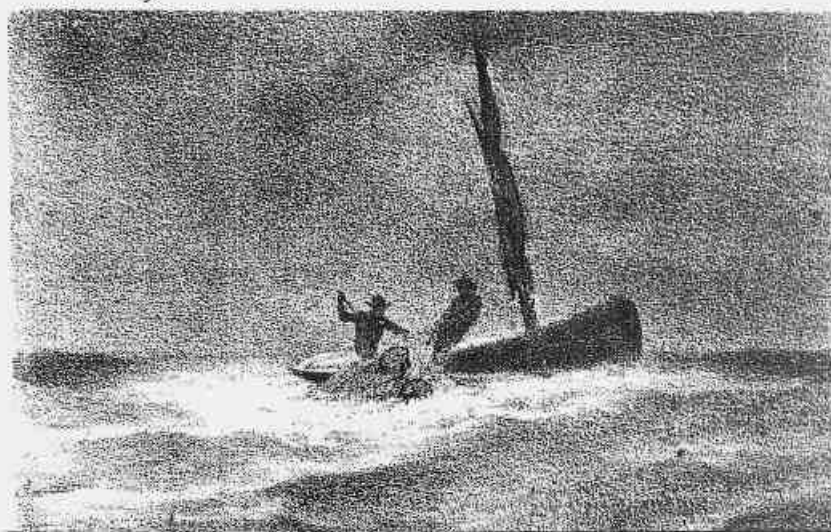
Comprimento: 1.^m47



Sphargis Coriacea (Tartaruga Lyra)



Na noite de segunda-feira, 3 de Outubro, alguns pescadores da Ponta Negra, marinho de Cabo Frio, ouviram rumores estranhos e descobriram o animal, que fôr lançado na praia. Trataram de matá-lo e de conduzi-lo para esta cidade, offerecendo-o ao Museu, aonde se achou.



No dia 4, tendo ido dois empregados do estabelecimento de banhos à rua Bourque de Macedo, pescar fora da barra, sentiram na rede grande tensão, e parando-se viram a tartaruga que cravou os dentes no bole, sendo preciso esfaqueá-la, para não sossobrar. Tronca para terra foi recolhida ao Museu.